

As devantures na arquitectura oitocentista e de Novecentos do Porto

Antero Leite ACER – Associação Cultural e de Estudos Regionais

O Porto oitocentista e de Novecentos é o das fachadas com devantures em casas comerciais constituindo como a “antecâmara da loja” ao exporem os artigos enquadradas por estruturas, inicialmente em ferro ou madeira e, mais tarde, em mármore. Muitas foram destruídas e, em seu lugar, surgiram grandes montras banalizando os estabelecimentos e a paisagem urbana. Das que já não existem resta a memória no Arquivo Municipal em processos com licenças de obra aprovadas pela Comissão de Estética por cumprirem com as posturas que as regulamentavam e por contribuírem para o aformoseamento das lojas nas palavras dos seus proprietários. Sobrevivem ainda algumas e a elas dedicamos este artigo, sem a preocupação de as inventariar, mas somente divulgar as que julgamos serem representativas e que necessitam de salvaguarda.

Em 18 de Setembro de 1865 é inaugurado o Palácio de Cristal com a Grande Exposição Internacional (figura 1), organizada pela Associação Industrial Portuense. O pioneirismo do Porto na construção empregando ferro como material estrutural já se havia iniciado com a construção da Ponte Pênsil sobre o Douro e a jusante na margem direita um outro edifício – o da Alfândega Nova, já estava em construção desde 1859. Contudo, aqui aplicaram-se apenas tirantes e colunas em ferro em combinação com pedra na abóbada e madeira nos suportes dos telhados. É do arquitecto francês Colson a autoria do projecto; as obras foram dirigidas por uma equipa de engenheiros portugueses. Os materiais em ferro provieram das fundições do Bolhão, de Massarelos, e do Bom Sucesso (SERENO, Isabel; SIPA, 1996).

No Pátio das Nações, do Palácio da Associação Comercial do Porto, a cúpula metálica projectada, inicialmente em 1863, por Sheilds, é colocada em 1879 após reformulação proposta pelo engenheiro Tomás Augusto Soller (SERENO, Isabel; SANTOS, João e NOÉ, Paula; SIPA, 1994, 1998) (figura 2). Cobrindo o espaço do antigo claustro do convento franciscano, a estrutura ilumina o interior onde se realizavam as sessões da Bolsa dos comerciantes do Porto.

1 | *Palácio de Cristal. Exposição Internacional de 1865.* © AHMP

2 | *Palácio da Bolsa. Pátio das Nações. Cúpula metálica.* © AL

3 | *Mercado de Ferreira Borges.* © AHMP



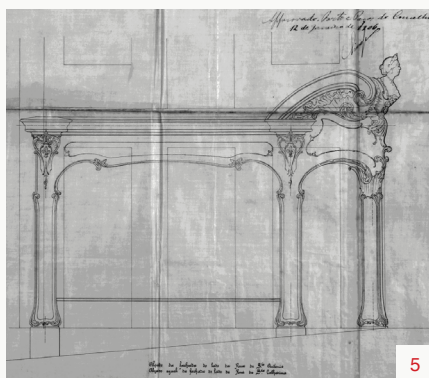
Trata-se de uma incorporação de novos materiais – ferro e vidro – num edifício neoclássico construído em granito. Significa a adopção de uma inovadora técnica construtiva satisfazendo a necessidade de cobertura de um grande vão. Traduz o desenvolvimento da metalurgia do ferro fundido e sua associação ao vidro, numa época em que a arquitectura procurava novas soluções formais exigidas por novas funções.

Mas foi pelo Mercado de Ferreira Borges (figura 3) que o Porto se distinguiu na Arquitectura do Ferro. Projectado pelo engenheiro municipal João Carlos Machado, a sua execução foi adjudicada em 1885 à Companhia Aliança (Fundição de Massarelos), que o deu por concluído em 17 de Maio de 1888 (SERENO, Isabel e FILIPE, Ana; SIPA, 1994, 2010). O edifício teve inicialmente a função de servir a sua população como centro abastecedor em substituição do Mercado da Ribeira sujeito às cheias do *Douro*. Mais tarde, passou apenas a prover de frutas a cidade. O *Mercado de Ferreira Borges* representa a consagração da arquitectura por engenheiros, numa época em que a engenharia se insinuava como “nova arquitectura” (TOSTÕES, Ana).

A invenção do cimento “Portland”, introduz na cidade o método do betão armado com varões metálicos para erguer os paramentos, facilitando a construção em altura. A este surto de inovações tecnológicas nos materiais construtivos – ferro e betão – correspondeu uma alteração no perfil profissional dos técnicos projectistas com a emergência dos engenheiros, que passaram a executar funções até aí da responsabilidade exclusiva de arquitectos.

No plano da estética ocorreram duas correntes no modo e estilo de construir: a progressista, procurando introduzir novas linguagens, e a tradicional, ainda amarrada ao tardo-ecletismo e mesmo ao revivalismo historicista. Ambas se defrontaram com os gostos prevaletentes nos encomendantes, maioritariamente dos extractos da burguesia comercial e industrial, muitos deles capitalistas de “torna-viagem”.





Os arquitectos e construtores civis corresponderam ao gosto que lhes era formulado pelos donos de obras preocupados em construir palacetes e vivendas dispostos de todo o conforto moderno, mas com plantas e decoração interior ainda muito marcadas pelos neos: clássico, Luís XV e XVI. Contudo, existiu também uma clientela mais aberta à inovação estilística surgida com a Arte Nova e a Art Déco, mas com pouca expressão em imóveis construídos quando se compara com a corrente tradicionalista.

Nas *devantures* esta dicotomia também se manifestou.

AS DEVANTURES

Na cidade sobrevivem algumas *devantures* do modernismo inovador apresentado em Paris na Exposição Universal de 1900 e na Exposição Internacional de Artes Decorativas e Industriais de 1925.

A *devanture* da Ourivesaria Reis, Filhos (figura 4), fundada em 1880 por António Alves dos Reis, com lojas desde o n.º 239 da Rua de Santo António ao n.º 5 da Rua de Santa Catarina, reflecte novas linguagens decorativas e mudanças a elas submetidas. Em 26 de Dezembro de 1905, a ourivesaria requereu à Câmara Municipal do Porto licença de obra para substituir as fachadas daqueles prédios por uma “frente em ferro” (AHMP-LO 2/1906). O risco do projec-

to (figura 5) era assinado por Manuel Botelho Pimentel Sarmento, “Conductor de Obras Públicas pelo Instituto Industrial e Comercial do Porto” (idem, idem).

Pimentel Sarmento esclarecia: *Reis, Filhos, joalheiros, d'esta cidade, pretendem edificar um estabelecimento para a sua secção de 'Pratas', e naturalmente deseja uma construção moderna, com espaçosas 'montras' por necessidade de exposição ao público de artigos do seu negócio. Esta construção, bastante rica e ornamental, vai embelesar a entrada n'uma das ruas mais comerciais da cidade* (idem, ibidem).

O projecto foi aprovado em 9 de Janeiro de 1906 por José Marques da Silva que exercia, na altura, as funções de arquitecto da Câmara Municipal do Porto. A responsabilidade pela construção da *devanture* foi assumida por Estêvão Eduardo Augusto de Parada e Silva Leitão, conforme termo que assinou em 27 de Dezembro de 1905 (idem, ibidem).

Obra complexa que, segundo a memória descritiva, implicava o emprego de *um esqueleto de ferro e aço, para suportar as paredes e andares superiores*; a abertura de *montras, enquadradas em duas frentes de ferro fundido* (idem, ibidem). As vigas de aço que compunham o “esqueleto” tinham um *enchimento de pinho de Riga e assentavam em pilastras de ferro fundido, ligadas às paredes por grampos*. O espaço entre o ferro e a parede era *cheio com betom de cimento e as pilastras ficavam presas à soleira por chumbadouros* (idem, ibidem).

4 | A *devanture* da Ourivesaria Reis, Filhos. © AL

5 | Desenho da *devanture* da Ourivesaria Reis, Filhos. © AHMP

6 | Casa Vicent. © DGPC

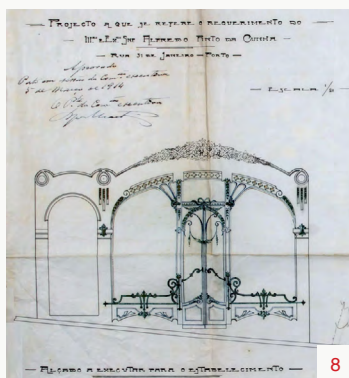
Construída em ferro fundido pela Companhia Aliança (proprietária das fundições do ‘Ouro e de Massarelos’), a *devanture* mantém o risco original: duas frentes laterais de idêntico desenho, com uma montra em cada, que se interligam a uma parte central em gaveto onde se situa a entrada alpendrada. Ambas as frentes são percorridas por ondulado vegetalista, coroando as duas montras, que se transmite aos arcos da entrada e confluí sobre as colunas de desenho naturalista.

Do frontão de volutas emerge *Dinamene*, em busto de terracota. Obra do pintor e escultor António Cruz (1907-1983), ali colocada em 1942 para substituir a que existia desde 1906 (figura 5). Referência ao poema de Camões cujo busto lhe fica fronteiro na fachada da Livraria Latina colocado também naquele ano e da autoria do mesmo artista.

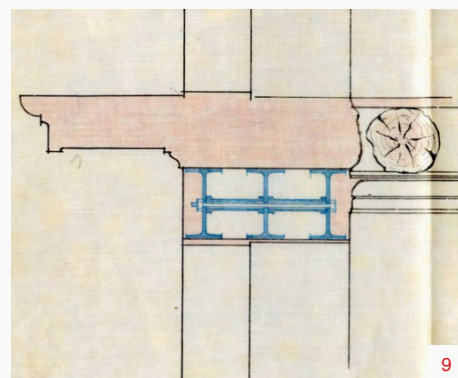
A *devanture* da Casa Vicent, em ferro fundido, construída em 1914-1915 pela Companhia Aliança, apresenta um desenho onde a *Art Nouveau* dos caules em movimento se combina harmoniosamente com o *Neo-Rocaille* dos concheados (figura 6).



7



8



9

Uma outra ourivesaria – a de Alfredo Pinto da Cunha, vem estabelecer-se, pela mesma altura, na Rua de 31 de Janeiro. No requerimento que dirigiu, em 2 de Março de 1914, à Câmara Municipal do Porto, intitula-se *negociante da Rua do Loureiro*. Era o continuador do legado deixado pelo seu tio, o ourives José Pinto da Cunha, que havia fundado a Ourivesaria Cunha e Sobrinho naquela rua em edifício construído pelo arquitecto Francisco de Oliveira Ferreira (1884-1957) e decorado por José de Oliveira Ferreira (1883-1942) e pelo pintor Acácio Lino (1878-1956). É hoje a Confeitaria Serrana.

Alfredo Pinto da Cunha, para o novo estabelecimento e na memória descritiva do pedido de construção, referia que *a frente seria de mármore lioz nacional com aplicações de bronze e latão amarelo polido, sendo os vãos vedados com cristaes. No arco serão aplicadas lâmpadas eléctricas* (AHMP–LO 217/1014).

O desenho (figura 7) que acompanhava o processo de licenciamento não condiz inteiramente com o aspecto da actual *devanture* da Ourivesaria e Joalheria Machado, que sucedeu à de Alfredo Pinto Cunha.

À simplicidade do projecto original foram introduzidas alterações:

- ao nível da base da *devanture* substituíram-se os gradeamentos por duas superfícies em mármore de lioz a delimitar a entrada. São rematadas por moldura em concavidade a terminar lateralmente por enrolamento;

- no entablamento, em vez da moldura que o percorria enlaçando-se em três pequenos discos e se interligava até à parte superior da porta lateral, interrompida, a meio, com uma composição floral, optou-se por elementos de frontão de enrolamentos envolvendo escultura, denominada “Os Meus Amores”, executada por José de Oliveira Ferreira (1883-1942) (figura 8).

Não encontramos no Arquivo Histórico Municipal do Porto a licença de obra desta alteração mas apenas confirmamos, pela [página electrónica de ‘Machado Joalheiro’](#), que o grupo escultórico se acrescentou ao projecto inicial.

Estes três exemplos podem ser considerados como quase únicos existentes no Porto. São mais frequentes as *devantures* depuradas de ornamentação e com modelo uniforme inspirado na Arquitectura Clássica: colunas ou pilastras com capitéis a delimitar os vãos das montras e porta. Coroamento por entablamento recto.

Característica comum é a de pertencerem ao tipo *em ressaltado*, destacando-se do plano da fachada de acordo com o regulamentado pela Câmara Municipal do Porto. Correspondeu ao modelo tradicional das *devantures* em voga entre finais do século XIX e primeira década do século XX, período durante o qual se verificou um contributo importante de engenheiros para a resolução dos problemas técnicos resultantes das alterações nos edifícios.

7 | *Projecto da devanture da Ourivesaria Cunha.* © AHMP

8 | *Devanture actual da Ourivesaria Machado.*

9 | *Padieira substituída por vigas de duplo T.* © AHMP

A construção destas estruturas poderia implicar a demolição das padieiras em granito que eram substituídas por várias vigas de ferro (do tipo duplo T), ligadas entre si (figura 9). De modo a garantir a estabilidade das fachadas eram necessários rigorosos cálculos sobre a resistência das vigas às cargas suportadas por cada uma delas e dos suportes onde assentavam (colunas maciças em ferro fundido, pilares e encontros em alvenaria), em número dependente das dimensões do vão a fechar.

Havia ainda que atender aos requisitos de integração da *devanture* na composição das fachadas e aos critérios de ordem estética. Os projectos eram submetidos a apreciação pela *Comissão de Estética* da Câmara Municipal do Porto e só aprovados depois. A *devanture* mandada construir por Joaquim Pereira da Silva no piso térreo do prédio da Rua de Santo António, 121 (hoje Rua de 31 de Janeiro), integrava-se harmoniosamente ao respeitar a composição do edifício adoptando uma altura e largura correspondentes às dimensões dos pisos superiores (figura 10).

10 | Devanture na Rua de Santo António, 121. © AHMP

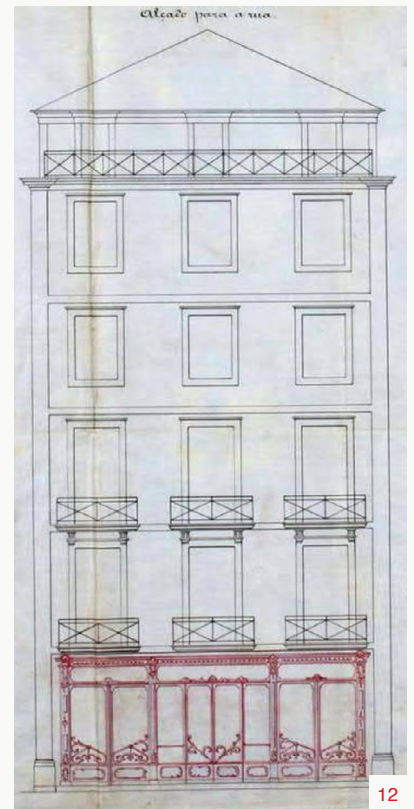
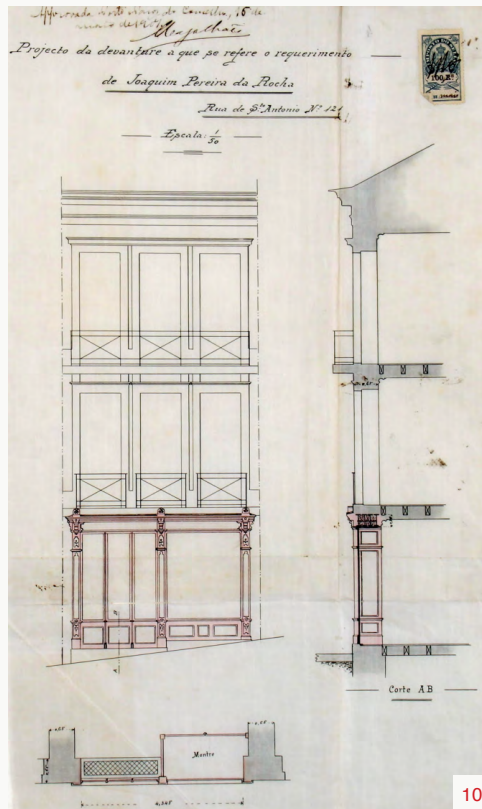
11 | Devanture na Praça de D. Pedro. © AHMP

12 | Projecto inicial da devanture. © AHMP

13 | Devanture actual. © VV

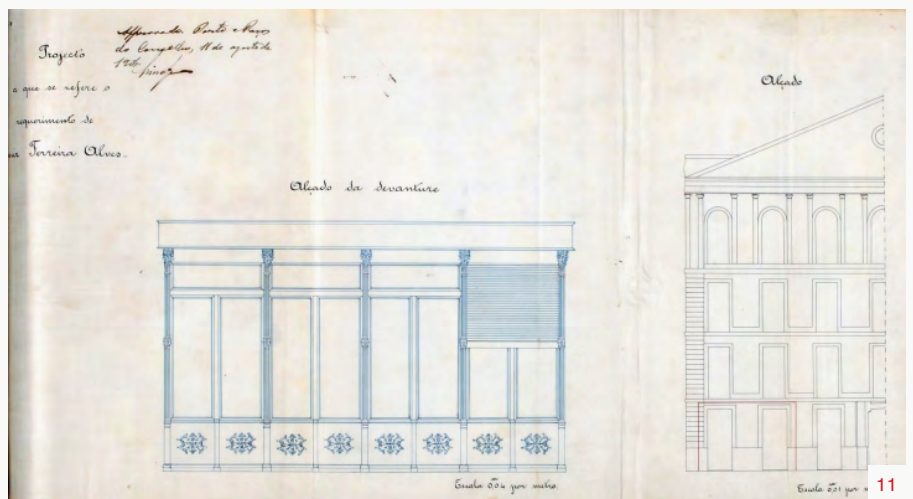
O projecto de Luís Ferreira Alves, apresentado à Câmara Municipal do Porto em 12 de Julho de 1906, previa a substituição de duas portas com os n.ºs 21 a 22, na casa que arrendou na Praça de D. Pedro (hoje Praça da Liberdade), por uma *devanture* de ferro.

Na memória descritiva esclarece-se que a *devanture* que iria substituir as duas portas era composta de quatro portadas entre cinco columnas e eram sobrepostas por uma cornija, também de ferro servindo de caixa para abrigar os rolos de chapa ondulada que fecham os vãos. O arquitecto Marques da Silva deferiu o projecto mas entendendo que seria preferível não cortar o *cunhal* almofadado (AHMP-LO 266/1907).



Pelo desenho (figura 11), verifica-se que havia a intenção de cortar o *almofado* do *cunhal* do edifício do Palácio das Cardosas, sendo o espaço a ocupar pela *devanture* correspondente hoje ao da fachada norte do Restaurante Astória.

Na Rua do Infante D. Henrique, a *devanture* do antigo Restaurante Commercial foi requerida em 4 de Abril de 1907 por Manuel Recarey Antello, *legítimo possuidor de uma casa situada na Rua do infante D. Henrique, n.º 75 a 79*, onde pretendia *construir uma montra, mudar a escada interior para o 1.º andar, tornar amplo o pavimento do rés de chão com o apeamento de diversas paredes* (AHMP-LO 167/1907).



Na memória descritiva, Manuel Recarey Antello, depois de aludir que *o rez-do-chão desta casa é actualmente ocupado por armazém de retém, não se prestando a ser adaptado a loja commercial, segundo os novos preceitos de acceio e hygiene, sem obras dispendiosas e de cuidada execução propunha dotar a antiquíssima rua do Infante D. Henrique com todos os requisitos modernos como já existem nas ruas centraes da cidade.*





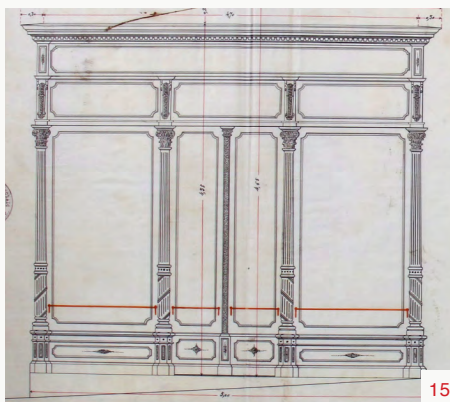
14

Esse 'estabelecimento asseado' veio a ser o *Restaurante Commercial*, beneficiado mais tarde pelo sobrinho de Manuel Recarey Antelo (idem, idem).

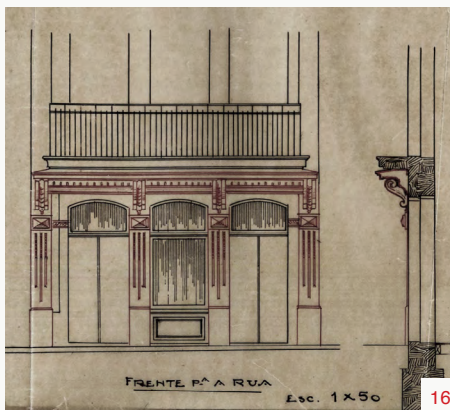
Segundo a memória descritiva, a *devanture*, em ferro fundido, teria 9,70 m de comprimento e 4,36 m de altura com duas colunas duplas nas quais assentavam quatro vigas de duplo T (idem, idem).

Houve necessidade de se tomarem medidas que garantissem a solidez e estabilidade da fachada, quer no cálculo da resistência da coluna dupla e das vigas em T, quer só demolindo a parede onde se abria o vão depois de nele se construir a *devanture* (idem, idem).

Por outro lado, no andar térreo, demoliram-se paredes que o subdividiam garantindo-se a sustentabilidade dos pisos superiores do edifício por colunas de ferro, intercaladas de 4 m, com 0,22 m de diâmetro e 25 mm de espessura, calculadas a resistirem, cada uma, a carga de 62 500 kg podendo no máximo atingir no máximo 72 286 kg. Sobre elas assentavam três vigas, em vãos de 3 m, suportando cada uma um peso de 27 500 kg (idem, ibidem).



15



16

A comparação entre o desenho de 1907 e o que hoje existe como *devanture* revela diferenças na subdivisão dos espaços vidrados e a ausência dos gradeamentos sobre a porta e as montras (figuras 12 e 13). Não encontramos no AHMP a licença de obra com as referidas alterações. A *devanture* mantém-se no tipo *em ressalto*.

A subdivisão dos espaços vidrados mostra-se generosa em dimensões permitindo uma boa entrada de luz no interior do restaurante. Na decoração, ao clacissismo dos ornatos inscritos no ferro fundido sobrepôs-se a modernidade da *Art Nouveau* nos painéis de azulejos que revestem os encontros laterais em cantaria da *devanture* (figura 14).

Não só o ferro mas também a madeira era empregue na construção das *devantures*. Alguns exemplos:

· A autorizada construir, em 15 de Setembro de 1903 na Rua de Sá da Bandeira, 229 a 233, pelo Dr. António Teixeira da Silva Leitão em *madeira de pitch-pine ou riga e castanho, com toda a segurança e segundo os mais modernos preceitos da arte, era guarnecida com vidros de chistal e estes resguardados com*

14 | Painel de azulejo Art Nouveau do *Restaurante Commercial*. © AL

15 | *Devanture* na Rua Sá da Bandeira, 229 a 233. © AHMP

16 | *Devanture* da Rua de Cedofeita, 161. © AHMP

guarda-corpos de metal amarelo e taipais em madeira (AHMP-LO 184/1903). Como decoração, apresentava capitéis coríntios a encimar as colunas estriadas com torçal no terço inferior. Na cornija corria um friso de denticulos (figura 15). Enquadrava-se nas *devantures* do tipo *em ressalto*.

· A do prédio da Rua de Cedofeita, 161, pertencente a Francisco Brandão (figura 16), com o piso térreo revestido a madeira até à altura da varanda, conforme desenho de Nogueira Pontes, Mestre d'Obras (AHMP-LO 1222/1925).

No processo existente no AHMP, o requerimento, com data de 22 de Julho de 1925, não está acompanhado de memória descritiva, pelo que se desconhece a denominação da madeira que se iria empregar. Também não se refere tratar-se de uma *devanture*, o que poderá significar a intenção de apresentar uma novidade no embelezamento das fachadas numa rua onde já existia saturação com o emprego de estruturas em ferro fundido de uma mesma tipologia no envolvimento decorativo das montras.

Uma nova estética estava para surgir naquele ano com a Exposição Internacional de Artes Decorativas e Industriais em Paris, que havia sido inaugurada em Abril – a *Art Déco* ■

BIBLIOGRAFIA

Arquivos

AHMP – Arquivo Histórico Municipal do Porto – *Licenças de Obras*.

Webgrafia

MARTINS, A – *Casa Vicent*. In www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/342627.

SERENO, Isabel e FILIPE, Ana – *Mercado Ferreira Borges*. SIPA 1994, 2010 In www.monumentos.gov.pt.

SERENO, Isabel, SANTOS João e NOÉ, Paula – *Palácio da Bolsa/Palácio da Associação Comercial do Porto*. In www.monumentos.gov.pt.

TOSTÕES, Ana – *Construção moderna: as grandes mudanças do Século XX*. In <https://desenharte.yolasite.com/resources/Arquitectura%20moderna%20-%20ANA%20TOST%C3%B5es.pdf>.